

EDUCAÇÃO TÉCNICA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Mário Visintainer*

A educação regular de 1º e 2º graus consiste, fundamentalmente, em prover conhecimentos de materiais humanistas e científicos aos estudantes. É certo que, por um lado, eles proporcionam ao aluno bons conhecimentos no campo das matérias humanistas e científicas, porém, por outro, não é muito o que fazem para preparar o aluno para sua vida futura, a qual é consequência lógica de sua própria razão de ser.

Principalmente o segundo grau é um obstáculo que filtra somente a passagem da elite para a universidade. Para aqueles que não prosseguem os estudos, sobra a frustração e a incapacidade de trabalhar com os conhecimentos adquiridos no ensino regular, em um período crítico de sua vida, durante a adolescência, época em que se desenvolve a personalidade do adulto.

* Professor. Pós-graduado em Matemática Superior na Universidade Católica de Minas Gerais. Mestrando do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB.

Enquanto a educação regular prepara o jovem para a universidade, a educação profissional o prepara para sua vida futura. Vemos, pois, que a educação profissional é mais fiel que a acadêmica no contexto da definição geral do conceito de “*Educação*”. Sem pretensão de resolver os defeitos da educação acadêmica (tradicional), a educação técnica pretende se integrar e se adaptar às características psicológicas dos adolescentes.

Os cursos profissionalizantes, além de ensinarem ofícios, proporcionam também instruções gerais, que são normas das próprias filosofias da educação técnica, ou seja, a base ideológica que sustenta este tipo de educação se apóia na visão integral da personalidade do aluno, que, no futuro, deverá atuar não só como operário qualificado mas também como bom cidadão do seu país, pai que educará seus filhos e, por fim, como membro da sociedade humana culta, na qual está inserido.

1. INTRODUÇÃO

Desde o ano de 1788, quando o duque de Rochefoucault Lioncur fundou a primeira Escola Técnica nos subúrbios de Paris, até o presente têm-se desenvolvido muitas escolas de Formação Profissional ao ponto de que não há país no globo que não as tenha.

Sua particularidade se apóia no fato de que seus planos de estudo contêm programas de instruções e de

educação geral, a par de matérias técnicas, trabalhos práticos e ensaios de laboratórios em dose equilibrada. Desta maneira, o adolescente aprende uma profissão e, paralelamente, adquire a cultura geral ao mínimo denominador comum. Já nessa primeira escola fundada na França, dedicava-se um terço do tempo a estudos gerais, enquanto que, na atualidade, a proporção depende do nível de estudos dos alunos.

A fundamentação ideológica desse sistema de estudos pode resumir-se dizendo: a escola deve preparar o jovem para sua vida futura, tomando em conta, na maior medida possível, as múltiplas facetas do indivíduo (que logo chegará a ser adulto); deverá trabalhar para ganhar o seu sustento; deverá cumprir com os deveres de todo bom cidadão e fazer uso dos seus direitos; deverá educar corretamente seus filhos para que possa tornar-se membro ativo da sociedade culta a que pertença.

Existe uma corrente educativa, de âmbito mundial, em prol da escola técnica, que se afirma cada vez mais; nesta cruzada colaboram pedagogos, psicólogos, sociólogos, políticos, economistas, etc., o que assegura o seu progresso e desenvolvimento.

Tal como qualquer outra manifestação da criação humana de envergadura, a educação técnica conta com seu fundamento ideológico que existia desde os tempos mais remotos; já nos tempos bíblicos escreveram os hebreus arcaicos: *“Assim como és responsável por ensinar a teu filho a lei, ensina-lhe um ofício. Aquele que não ensina um ofício a seu filho, prepara-o para ser um ladrão”* (TALMUD apud HUROVITZ, 1982 : 19).

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A fundamentação que norteia a Educação Técnica é apoiada no preceito de que os adolescentes podem ser educados não só mediante os livros, como também através do trabalho manual, preparando-se para sua vida futura.

A busca de formação que defina a educação técnica nos leva a indagar, em primeiro termo, a respeito do conceito “Educação”, em geral. Muitos foram os educadores, filósofos, sociólogos, políticos e psicólogos que trataram de enunciar a referida definição; bastar-nos-á citar os mais importantes:

- Emanuel Kant (1724-1804) (apud HUROVITZ, 1982), o genial filósofo, considera que a educação deve ser tal que o indivíduo, nos seus últimos dias, possa dizer: *“Minha vida teve valor (...)”*.
- O educador máximo, que fundamentou a pedagogia moderna, Juan Pestalozzi (1746-1827) (idem) considera que o ideal da educação é o indivíduo tal que todas aquelas pessoas que tenham contato com ele (em especial os pobres) possam dizer: *“Este é um homem responsável e se pode confiar em seu coração, em sua mente e em suas mãos (...)”*.
- Jaques Maritain (1882-1973) (idem), filósofo católico proeminente, profundamente influenciado por Aristóteles e Tomás de Aquino, disse que mediante a educação nos propomos a orientar o ser humano nas dificuldades da vida, para que transforme a si mesmo, chegando a ser uma

criação humana dotada de conhecimento, do dom de julgar e com qualidades morais, como assim também a herança espiritual do povo em cujo seio vive, enquanto guarda os feitos das gerações passadas.

- Akiva Ernesto Simón (nascido em 1899) (idem), ex-diretor da escola de Ciências da Educação e da Universidade Hebréia de Jerusalém, famoso professor de filosofia educacional, nos brinda com a seguinte definição: *“A educação é um Processo orientado, cujo propósito é preparar o indivíduo para sua vida futura, sem limitar seu presente, somente na medida mínima indispensável”*.

Poderíamos apresentar uma coletânea bem maior de definições retratando as opiniões adicionais da educação de homens ilustres; porém, nesse caso, pecaríamos pela repetição, já que, com toda seguridade, voltariam a aparecer os elementos básicos que já surgiram nas definições citadas, a saber: desenvolvimento da personalidade; aquisição de conhecimentos; enraizamento de valores morais, herdados das riquezas espirituais nacionais; aquisição do dom de julgar; em resumo, a preparação do indivíduo para a vida futura.

Se conseguirmos nos concentrar profundamente no significado das definições antes citadas e nos abstermos por um instante do que normalmente pensamos ao pronunciar o vocábulo “Educação”, teremos preparado o terreno para entender melhor o que é Educação Técnica. Porém, antes de nos ocuparmos da educação técnica, referir-nos-emos brevemente à educação média acadêmica tradicional.

3. COMPARAÇÃO DA EDUCAÇÃO TRADICIONAL COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Antes de tudo, devemos esclarecer que, neste artigo, nos referimos especialmente à educação dos adolescentes e dos jovens de ambos os sexos nas últimas séries do primeiro grau, para os cursos profissionalizantes, com o 1º grau concluído nos cursos técnicos ao nível de 2º grau. O 2º grau pode ser feito de duas formas clássicas: a acadêmica e a técnica. Para entendermos melhor qual a essência da formação profissional, faremos uma comparação entre as duas.

A educação acadêmica consiste fundamentalmente em prover conhecimentos de materiais humanistas e científicos aos estudantes sem se preocupar com o desenvolvimento da personalidade do adolescente. Se analisarmos o 2º grau tradicional à luz das definições, relacionadas com a educação, chegaremos à conclusão de que o 2º grau tradicional constitui, em si mesmo, um sistema pouco equilibrado. É certo que, como se disse anteriormente, ele proporciona ao aluno bons conhecimentos no campo das matérias humanistas e científicas, porém pouco faz para preparar o aluno para sua vida futura, a qual é consequência lógica de sua própria razão de ser, já que o propósito do ensino tradicional é preparar os jovens para a universidade, ao mesmo tempo constitui um meio de seleção para continuar estudos universitários.

A estrutura do 2º grau tem mudado pouquíssimo na sua essência, desde a Idade Média até os nossos dias, revelando um certo divórcio com a nossa realidade. Esse

divórcio é notório, em especial durante os últimas décadas, em que as mudanças tecnológicas da humanidade foram colossais. Durante os longos séculos da sociedade agrícola, e também durante a época da sociedade manufatureira, poderia o ensino tradicional manter-se invariável, porém não no século XX, em que os acontecimentos históricos mudaram de rumo de uma forma fundamental e novas tecnologias surgiram dia-a-dia. É interessante citar as palavras do sociólogo americano Alvin Toffler que, no seu famoso livro “O Choque do Futuro”, referindo-se à magnitude das mudanças que estão operando, diz:

“O fluxo galopante dos procedimentos e mudanças fazem às vezes a realidade parecer a um caleidoscópio enlouquecido, já que as mudanças se produzem não só nos sistemas industriais e nos estados, mas constituem uma força que penetra na nossa vida privada, nos obriga a adotar novas posições sociais e inclusive nos ameaça com desequilíbrios psicológicos, que poderiam chamar-se o choque do futuro”
(TOFFLER, 1972 : 216).

Por razões de inércia, continua sendo o 2º grau o tipo de educação média de maior prestígio, e isto ocorre apesar de inúmeras deficiências. Dissemos anteriormente que este serve como um meio de seleção, mas, na verdade, é um obstáculo que filtra somente a passagem da elite para a universidade. Se pensarmos desta forma, ele cumpre muito bem a sua missão: basta constatar a ínfima porcentagem de estudantes que são admitidos nas universidades, em comparação às grandes quantidades de alunos que iniciam seus estudos em nível de 2º grau. Pensemos ainda em todos

aqueles que pretendiam obter um título universitário e por não consegui-lo vão engrossar os contingentes dos descontentes de si mesmos e da sociedade que os rodeia. A frustração se verifica em um período crítico de sua vida, durante a adolescência, época em que se desenvolve a personalidade do adulto. Entretanto, as suas experiências negativas deixam recordação marcante para toda a vida. Partimos do pressuposto de que não devemos deixar de lado ou nos desinteressarmos da sorte de uma grande massa de adolescentes, que, provavelmente, seriam mais felizes se tivessem escolhido a formação profissional através da educação técnica, nos diferentes níveis de estudo.

A fórmula mais adequada para a comparação entre a educação média acadêmica e a técnica pode-se resumir no que já deixamos entrever nas linhas anteriores: enquanto a primeira prepara o jovem para a universidade, a segunda o prepara para sua vida futura. Vemos, pois, que a educação média técnica é mais fiel que a acadêmica no contexto da definição geral do conceito de “Educação”.

4. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Sem pretensão de resolver os defeitos da educação média acadêmica (tradicional), a educação técnica pretende se integrar e se adaptar às características psicológicas dos adolescentes. Professores e psicólogos concordam entre si sobre um aspecto que é essencial para a valorização da

educação técnica, a saber: os adolescentes sentem dentro de si forças potenciais que não encontram caminhos para serem liberadas, já que geralmente não são admitidos nas funções que competem aos adultos; por esta razão, é muito pedagógico utilizar os trabalhos manuais como meio educativo, já que desta maneira a realização de trabalhos manuais, nas oficinas, facilita o desenvolvimento das aptidões naturais e a criatividade dos jovens.

Assim, obtemos uma simbiose harmônica entre objetivos e meios. Um dos objetivos da educação técnica é o de ensinar ao adolescente as bases de um ofício ou profissão (sem pretender a completa especialização) para o que a prática dos trabalhos manuais é indispensável. Por outro lado, esse meio em si, o trabalho normal, desenvolve qualidades plausíveis do indivíduo a saber: 1) firmeza; 2) capacidade de concentração; 3) paciência (capacidade de retardar); 4) segurança própria; 5) criatividade (capacidade de apresentar diversas soluções para o problema); 6) desenvolvimento da capacidade de planejamento e o hábito de planejar antes de atuar; 7) desenvolvimento do sentido de interdependência humana (exemplo: projetos executados por vários alunos de um conjunto); 8) desenvolvimento do sentido de auto-disciplina; 9) desenvolvimento do sentido de auto-avaliação; 10) desenvolvimento das habilidades motoras; 11) desenvolvimento do hábito de exatidão; 12) desenvolvimento de elementos estéticos; e 13) desenvolvimento da motivação para criar.

Os trabalhos manuais são supervisionados por um instrutor de oficina, que pode dedicar-se pessoalmente a cada aluno em separado, de forma que o mesmo possa pro-

gredir segundo seu próprio ritmo, sem criar problemas psicológicos. Por outro lado, sucede, às vezes, que alunos fracos no campo intelectual se destacam enormemente nos trabalhos práticos, o que favorece o sentido da auto-valorização e da segurança própria; tais alunos, com certa segurança, não teriam completado o ensino regular ou se o completassem não demonstrariam aptidões suficientes que lhes permitissem ingressar na universidade. Disto pode-se chegar, talvez, à conclusão de que os cursos técnicos ou a formação profissional ao nível de 1º grau seria destinada somente aos jovens de coeficiente intelectual baixo, o que é inexato já que dentro da formação profissional existem diversos níveis profissionais, segundo a carreira escolhida. Por exemplo, o aluno que estuda eletrônica em uma escola técnica deve possuir qualificação elevada, já que além de aprender uma profissão complexa deve também estudar matérias científicas e humanistas.

Não devemos nos esquecer que os cursos profissionalizantes, além de ensinarem ofícios, proporcionam também instruções gerais, que são normas das próprias filosofias da educação técnica, ou seja, a base ideológica que sustenta este tipo de educação se apóia na visão integral da personalidade do aluno, que, no futuro, deverá atuar não só como operário qualificado, mas também como bom cidadão do seu país, pai que educará seus filhos e, por fim, como membro da sociedade humana culta, na qual está inserido.

5. CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Durante os longos milênios da sociedade humana agrícola e os vários séculos das sociedades manufatureiras, o menino aprendia geralmente a profissão do seu pai, graças à imitação e ao exercício cotidiano de baixo do olho atento do progenitor. Com o desenvolvimento da técnica e graças à aplicação rápida da ciência, que evoluiu enormemente nos últimos decênios, surgiram grandes diversidades e aprimoramento de ofícios e profissões, o que criou e fez surgir a necessidade de criar estabelecimentos que formassem os jovens, dentro das suas aptidões ou suas inclinações naturais. Isto explica porque a fundamentação ideológica, deste tipo de educação, aparece cristalizada e claramente enunciada somente nos primórdios do século XX, apesar de as primeiras escolas técnicas terem sido criadas no final do século XVIII.

Com efeito, no ano de 1788, o duque de La Rochefoucault - Lioncur (1747-1827) criou, nas imediações de Paris, uma escola profissionalizante para os filhos dos soldados recrutados em seu regimento. Nesta escola se aprendiam matérias de cultura geral (1/3 do tempo) e, paralelamente, ensinava-se nas oficinas algum ofício útil, como carpintaria e construção de rodas de madeira, fundição, tornearia, mecânica, ferraria e serralharia (2/3 do tempo).

As escolas técnicas progrediram rapidamente, na França, no princípio do século XIX, o que se deveu a razões políticas e econômicas: depois da Revolução Francesa (1799), aboliram-se as prerrogativas das associações que

se atribuía o direito de admitir aprendizes, os quais trabalhavam ao lado dos “*peritos*” e aprendiam por imitação. Apesar de que esta medida correspondesse ao desejo da implantação de maior liberdade e justiça, trouxe como agregado o decréscimo da capacitação profissional dos artesãos e, devido a isso, o governo francês, preocupado com a situação, tratou de desenvolver as escolas técnicas. Para tanto, serviu-se do modelo criado pelo duque de Rochefoucault em 1788, escola esta que foi visitada pelo Imperador Napoleão Bonaparte e gozou de ampla ajuda estatal.

Não é de surpreender-se, portanto, que o primeiro impulso para o desenvolvimento das escolas técnicas se produziu na França, enquanto nos demais países europeus se seguia com o clássico sistema de aprendizagem. Charles Bennet, em seu livro “*The ancestry of vocational education*” (1938), nos conta que no ano de 1868 se deu um passo importante para a cristalização dos modelos clássicos da escola técnica na Rússia. Naquela época requeria o Governo Czarista um grande número de pessoas especializadas, que entendessem das necessidades crescentes das ferrovias. O engenheiro DELLA VOS (apud HUROVITZ, 1982 : 28), encarregado de promover a contratação de pessoal, chegou à conclusão de que o sistema de “*aprendizagem*” nas fábricas e manufaturas não era mais adequado, já que era lento e as aptidões profissionais dos aprendizes contratados eram muito desiguais. Por esse motivo, criou, em Moscou, em 1868, uma escola vocacional que contava com oficinas-escolas equipadas com o objetivo de ensinar a profissão.

A diferença das fábricas e oficinas produtivas, em

relação às oficinas-escolas, era a de que em cada escola ensinava-se com um instrutor para um grupo numeroso de alunos. Indubitavelmente, não foi essa a contribuição específica de Della Vos (na França já existiam escolas análogas), porém sua contribuição foi em outro plano: Della Vos analisou as contribuições primárias que deviam ser conhecidas por cada perito em seu ofício. Por exemplo, o serralheiro deve saber algumas operações envolvendo os materiais ferrosos, tais como: dobrar, esquadrear, cortar, limar, furar, etc. Para tal efeito, Della Vos preparou uma série de exercícios, classificados por dificuldade em várias profissões, e treinou os instrutores para que ensinassem os alunos de forma didática. O instrutor (que era um perito à sua maneira) devia realizar o primeiro exercício, muito claramente, exemplificando aos alunos; na fase seguinte, cada aluno realizava o primeiro exercício. A seguir, o instrutor mostrava a maneira de realizar o segundo exercício e os alunos o executavam e assim, sucessivamente, até chegar a um dado instante em que o aluno adquiria sua autonomia. A essa altura da instrução, tratava-se de desenvolver no aluno o sentido da responsabilidade e da máxima autonomia.

Este método de ensino foi coroado de muito êxito por ser eficaz, rápido e, principalmente, pela qualidade profissional dos formandos. A expansão deste sistema fora dos limites da Rússia Czarista ocorreu, especialmente, graças a uma demonstração realizada em 1876, na cidade de Filadélfia, nos Estados Unidos, na qual os russos expuseram o método Della Vos.

O próprio Della Vos anota quatro objetivos importantes que se pretendem alcançar graças a seu método:

economia de tempo; facilidade com que se pode escalar as dificuldades dos exercícios; amplitude do adestramento e a sua distribuição; a facilidade com que se pode medir o progresso de cada aluno em qualquer momento do período de treinamento.

A análise das operações primárias, que são peculiares no referido método, foram comprovadas e se popularizaram em todas as profissões que se ensinam nas escolas profissionais, a ponto que ainda na atualidade esse método é universalmente aceito. Certo é que, com o correr dos anos, produziu-se reação contra o método utilizado. A contestação foi criada contra a modalidade utilizada de realizar exercícios carentes de valor prático. Em seu lugar, preferiu-se produzir utensílios úteis para desenvolver a motivação do aluno. Contudo, e apesar dessa modificação, o princípio básico continua em pé, visto que somente se criaram tarefas cuja execução requer a prática das operações primárias.

6. MOVIMENTO MUNDIAL FAVORÁVEL À EDUCAÇÃO TÉCNICA

No fim do século XIX e começo do século XX, continuaram a ser criadas mais escolas técnicas, que até então tinham como único propósito treinar os adolescentes nos ofícios manuais, para capacitá-los com o objetivo de torná-los operários especializados e futuros encarregados.

O alemão Jorge Kerschensteiner (apud HUROVITZ,

1982 : 28), introduziu nova dimensão na Educação Técnica ao divulgar sua tese demonstrando que o trabalho manual não era somente um meio para aprender um ofício, mas, e antes de tudo, uma maneira excelente para educar o adolescente, isto é, de importância tão significativa quanto as outras matérias clássicas como história, geografia, educação cívica, matemática, etc.

Por volta do ano 1900, Jorge Kerschensteiner era professor de uma escola primária em Munich e sua análise das escolas o conduziu a uma severa crítica do sistema. Publicou suas opiniões em forma oral e por escrito, propondo a introdução do trabalho manual na escola primária como elemento educativo. Tendo suas idéias aplaudidas, foi promovido ao cargo de inspetor, com a missão de colocar em prática as suas propostas. Todavia, Jorge Kerschensteiner não se conformou em melhorar o sistema educativo primário, mas abraçou entusiasticamente a criação de escola para jovens operários, dedicando-se, simultaneamente, a solidificar ideologicamente a filosofia da educação técnica e profissional. BEN SHALOM (apud HUROVITZ, 1982 : 30), afirma que foi precisamente Jorge Kerschensteiner quem plantou as primeiras sementes para o posterior crescimento do movimento ideológico em favor da educação técnica, que chegou ao seu auge de expressão após a primeira Guerra Mundial.

Foi após a Primeira Grande Guerra Mundial (1914/18) que "*l'organisation de l'enseignement professionnel et technique*", consagrada na parte XII do Tratado de Versailles (1919) e inserida no Preâmbulo da Constituição da Organização Internacional do Trabalho (1919), obteve ampla ressonância, conscientizando sobre a convicção de

que os sistemas adequados de formação profissional constituíam pressupostos fundamentais ao desenvolvimento econômico e à valorização do homem que trabalha. Iniciava-se a fase do ensino técnico-profissional como sistema, visando sobretudo os empreendimentos industriais e os transportes, a par da ampla utilização do contrato de aprendizagem para a formação do adolescente.

7. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

Inúmeras organizações, oficiais e particulares, destinadas ao preparo de profissionais de ofício foram sendo instituídas em vários Estados do Brasil, durante parte do século XIX e no início do atual, sob as mais diversas denominações: Escolas-Oficinas, Liceus e Colégios de Artes e Ofícios, Escolas e Companhias de Aprendizes Artífices, Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, Instituto Profissional Técnico, Escolas Profissionais, Escolas Técnicas, etc.

É de se assinalar, por exemplo, que em 1939, de acordo com estatística levantada pela Divisão de Ensino Industrial, do atualmente Ministério da Educação e Desporto, já existiam, em todo o território nacional, 505 estabelecimentos de ensino industrial e doméstico, dos quais 82 reservados ao preparo profissional de alunos do sexo feminino e 43 lotados por alunos de um e outro sexo. Dos 505 estabelecimentos referidos, 23 eram mantidos pelo

Governo Federal, 47 por administrações estaduais, 16 por municípios e 419 por entidades particulares, subindo a matrícula, neles, em 1938, à soma de 55.301 alunos, sendo 22.012 do sexo masculino e 33.289 do sexo feminino¹.

No dia 22 de janeiro de 1942 foi assinado o Decreto-lei nº 4.048, criando o *Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários*, no mesmo ano mudado para *Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial* (SENAI), a ser organizado e dirigido pela Confederação Nacional da Indústria (Art. 1º e 6º) e custeado pelas empresas industriais (Art. 4º e 6º), com a incumbência de instalar e administrar, em todo o país, escolas de aprendizagem para industriários, além de ministrar ensino de continuação, aperfeiçoamento e especialização aos trabalhadores não sujeitos à aprendizagem (Art. 2º).

O êxito alcançado pelo modelo configurado no **SENAI** levou os empresários do comércio, sob a liderança de João Daut D'Oliveira, então Presidente da Confederação Nacional do Comércio, a pleitearem delegação estatal para organizarem, manterem e administrarem um organismo nacional de formação profissional. Tal encargo foi atribuído à mencionada Confederação pelo Decreto-lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946, que impôs ao "Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial" (SENAC) a missão de promover a aprendizagem dos adolescentes e manter cursos de aperfeiçoamento ou especialização para os trabalhadores adultos ligados ao comércio (Art. 1º e 2º).

¹ MONTOJOS, F. apud BARROS, Waldemar de, 1972 : 4.

8. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O MERCADO DE TRABALHO

A realidade tem mostrado que a elevação do nível de escolaridade dos trabalhadores tem pouco efeito sobre o aumento de empregos no setor moderno e sobre a produtividade, uma vez que ambos não dependem das características dos trabalhadores e sim do investimento no setor e da tecnologia utilizada. A educação, portanto, tem efeito distributivo, podendo definir quem será empregado ou despedido, mas não tem força suficiente para acelerar o crescimento e expandir os postos de trabalho. Ainda, um grande contingente de trabalhadores com mais escolaridade não é capaz de modificar a estrutura salarial da mão-de-obra instruída, uma vez que isto ocorre em função, também, da tecnologia ou das características do emprego, dependendo diretamente da organização, portanto, das decisões capitalistas. Isto porque, como afirma LAGO (1983), a relação direta entre educação, produtividade e salário é tênue.

A educação passou a ser percebida como forma de investimento, como formadora de recursos humanos, como preparadora de mão-de-obra mais produtiva, como geradora da mercadoria força de trabalho, como determinante da promoção social, bem como instrumento de desenvolvimento econômico, de diminuição de diferenças econômicas entre indivíduos e de estreitamento das distâncias entre países desenvolvidos, deixando de ser considerada como consumo, como um instrumento de socialização, de transmissão do saber e do progresso cultural.

Como investimento, a consideração micro-econômica da educação visa medir seu rendimento para avaliar sua rentabilidade. Segundo esta linha teórica, o ensino passa a ser visto como um custo e como um ganho. **Um custo**, em razão das despesas assumidas pela sociedade como um todo, pela família e pelo que está se educando, também em função da renda sacrificada, pelo fato de o aluno não produzir durante seu tempo de aprendizagem. **Um ganho**, visto que a força de trabalho, uma vez educada, é teoricamente vendida mais cara. Assim, os rendimentos individuais resultantes de um certo tempo de escolarização, relacionados com o custo efetuado durante este tempo, passam a constituir a rentabilidade.

Seguindo esta mesma linha de análise, DEMO (1980) coloca que a ascensão social é determinada sobretudo por fatores econômicos e políticos. Assim sendo, a educação fora deste contexto é uma ação apenas compensatória, muito mais um processo de seleção e de reprodução de privilégios do que de democratização de oportunidades.

É importante ressaltar que, apesar de a formação profissional não contribuir diretamente para a ampliação do número de empregos, favorece a obtenção daqueles existentes e a manutenção ou remanejamento dos trabalhadores que já estão incorporados ao mercado de trabalho.

9. CONCLUSÕES

Por diversas vezes fizemos referência à expressão *preparação para a vida futura*, retratando uma posição mantida até a década de 70, o que levou a ONU a adotar e a difundir a tese da *Educação para o desenvolvimento*, partindo do pressuposto de que investindo em educação, sobretudo no preparo da mão-de-obra, ocorreriam retornos socioeconômicos positivos, o que contribuiria para a diminuição do subdesenvolvimento no terceiro mundo.

No Brasil, durante muito tempo, o ensino de 1º e 2º graus foi estruturado de forma a preparar a criança, e posteriormente o adolescente, a ingressarem na universidade. Sabemos, porém, que são poucos aqueles que conseguem alcançar os patamares mais elevados do ensino e, quando o conseguem, muitas vezes o sonhado diploma não lhes abre a porta da realização profissional e nem as portas da sociedade. Isto porque o mercado de trabalho está saturado ou porque cursaram o nível superior com a finalidade de possuírem um diploma, símbolo de status.

A grande parcela da nossa sociedade, que não completa os seus estudos, os dos 1º, 2º ou 3º graus, vive muitas vezes em subempregos por falta de uma profissão. Hoje, a modernização avança em ritmo alucinante, o que causa o grande aumento dos desempregados, seja por não terem qualificações profissionais para ingressarem no mercado, seja porque não se atualizaram nas novas tecnologias ou, simplesmente, porque as novas tecnologias exigem menor número de trabalhadores para executar o mesmo trabalho.

O processo de globalização de mercados afetou e continua agindo na economia brasileira como um todo. Isto produziu uma verdadeira revolução no modelo de Formação Profissional. A nova concepção de educação para o trabalho valoriza a versatilidade, a criatividade, a atuação em equipe e a estruturação dos processos e formas do trabalho moderno. Hoje, a educação para o trabalho é direcionada como **educação permanente**, sintonizada com as inovações tecnológicas e organizacionais. As escolas procuram propiciar, em parceria com seus formandos: sólida bagagem educacional, visão de futuro, gestão participativa, flexibilidade, iniciativa, condução ativa das equipes de trabalho e gestão de negócios. Todas essas características propiciam condições favoráveis à obtenção de emprego compatível com suas habilidades e conhecimentos favorecendo, assim, a sua inserção no mercado de trabalho, no meio social e, conseqüentemente, no exercício pleno da cidadania.

10. BIBLIOGRAFIA

ARNALDO, Sussekind. *A formação profissional e a obra do SENAI e do SENAC*. III Conferência Nacional das Classes Produtoras. Rio de Janeiro : SENAI - Departamento Nacional, 1972.

BARROS, Waldemar de. *SENAI seu Departamento da 4ª Região*. Rio de Janeiro : Escola de Artes Gráficas do SENAI, 1972.

- BECKER, Fernando. *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. Petrópolis-RJ : Vozes, 1993.
- LAGO, Correa do et al. *Estrutura ocupacional, educação e formação de mão-de-obra: os países desenvolvidos e o caso brasileiro*. Rio de Janeiro : FGV, 1983.
- DEMO, Pedro. *Educação cultura e política social*. Porto Alegre : Feplan, 1980.
- HUROVITZ, David. *Manual de educación técnica e formación profesional en Israel*. Centro de estudios cooperativos y laborales. Jerusalém, Israel : La Semana Publishing Co, 1982.
- MONTEIRO FILHO, Ezequiel P. *Serviço de orientação educacional sua estrutura e dinâmica*. Rio de Janeiro : SENAI - Departamento Nacional, 1985. (Coleção Albano Franco 4).
- STEFFEN, Ivo. *A aprendizagem de adolescentes em formação profissional*. Rio de Janeiro : SENAI - Departamento Nacional, 1985. (Coleção Albano Franco 1).
- TOFFLER, Alvin. *El chock del futuro*. Tel Aviv - Israel : Am Hoved, 1972.